

Poesia mixada: transliterações em *I who cannot sing* (2020)

Paulo Alberto da Silva Sales¹

Instituto Federal Goiano (IFGoiano)

Resumo

As novas configurações da recente poesia portuguesa, sobretudo nas duas primeiras décadas do século XXI, se expandiram para além do campo estritamente literário. Inserida na era digital, alguns poetas têm articulado diversas formas de transliterações poéticas por meio de montagens sonoras e musicais, bem como através de vídeos-poemas e de poemas-performances. A propósito dessas práticas de *mixed poetry* [poesia mixada], destacam-se os trabalhos de Patrícia Lino, uma jovem poeta portuguesa que tem apresentado “objetos-livros” que questionam os limites da/na criação de poesia no tempo presente ao integrá-la às ferramentas *high tech*. No álbum de poesia mixada *I who cannot sing*, lançado no Brasil em 2020 pela Gralha Edições, tanto em forma de livro quanto formato audiovisual no *web site* de título homônimo, nota-se um exercício de escrita poética transmedial hipermediado por meio de programas de computador. Ao se apropriar das práticas de um ou mais *beats* e de *samples* da música eletrônica, *I who cannot sing* traz a figura da poeta que “canta sem saber cantar”, ou melhor, de uma *DJ* que faz *remixes* de palavras, sons e vozes. Por fim, leem-se evidências dessas práticas de apropriação, colagem musical e pastiche sonoro nas composições “Eu q não sei escrever prefácios” e “Eu que não sei cantar”.

Palavras-chave

Poesia portuguesa contemporânea. Patrícia Lino. Apropriação. Transliterações intermediais. Poesia mixada.

¹ Professor de Linguagens no Instituto Federal Goiano e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina.

A produção de Patrícia Lino², embora ainda muito recente, tem despertado a atenção da crítica em diversos aspectos, seja pela transdisciplinaridade típica de suas composições, seja pelas transliterações presentes em seus escritos que tendem a expandir os campos de criação poética aos do universo das tecnologias digitais. Seus trabalhos dialogam com vertentes norte-americanas da chamada “escrita não-criativa” [*Uncreative writing: managing language in the digital age*], de Kenneth Goldsmith (2011) e do “gênio não original” [*Unoriginal genius: poetry by other means in the new century*], de Marjorie Perloff (2013), ao destacar como as artes e a literatura, na era digital, têm se servido cada vez mais de ferramentas e mecanismos disponibilizados por computadores, que transferem conteúdos de arquivo de um suporte para outro. Essas práticas comuns da cibercultura, tais como as reutilizações e os reaproveitamentos, proliferam-se em sua poética por meio de escritas transmediais que, por sua vez, representam o espírito da sociedade pós-industrial³.

O constante deslocamento de textos da tradição, de outras fontes e, sobretudo, de diversos sítios da *web*, bem como a apropriação de procedimentos computacionais na composição de textos multimodais – que mesclam desenhos, imagens, sons e vídeos com os processos de criação de poesia – são amplamente encontrados nas recriações multiformes de Patrícia Lino, principalmente por meio da mixagem e da reciclagem. A poeta, ao investir nas práticas de transfiguração e de reproposição por meio de *mash-up* / *mélange* – “misturas” como dizem os portugueses⁴ – enfatiza o uso de palavras, frases e versos deslocados que são acoplados em novos meios originais por meio de *samples*, ou seja, amostras de palavras e frases articuladas a sons (vocais, eletrônicos) ou mesmo a trechos de músicas, arranjos ou amostras canções já existentes. Ressaltem-se seus vídeos-poemas disponíveis em seu site *poetographica*⁵, nos quais a artista multimodal assume a função de um *DJ* das palavras,

²Nascida em Portugal em 1990, a autora já residiu em vários países, dentre os quais, o Brasil, onde passou uma longa temporada em São Paulo. Fez sua pesquisa de doutoramento a respeito da poesia brasileira contemporânea e atualmente mora nos EUA, onde leciona literatura e cinema afro-luso-brasileiro na University of California (UCLA), na cidade de Los Angeles. Merecem destaque suas publicações: *Manoel de Barros e a poesia cínica* (2019), pela Edições Relicário; *No es esto un libro/ Não é isto um livro* (2020) – “objeto-livro” bilíngue publicado pela Editora Vestígio, em Bogotá, na Colômbia –; *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (2020), publicado pela Edições Macondo, de Juiz de Fora, Minas Gerais, e *I who cannot sing* (2020), álbum de poesia mixada publicado pela Gralha edições, também em Juiz de Fora. Suas composições multimodais têm sido publicadas – tanto em formato impresso quanto em *web sites* – no Brasil, Cabo Verde, Colômbia, Estados Unidos, Portugal dentre outros espaços. Destacam-se também seus livros audiovisuais publicados em seu canal do *YouTube*, tais como *Anticorpo* (2020) e diversos trabalhos poético-sonoro-visuais seu site *poetographica*.

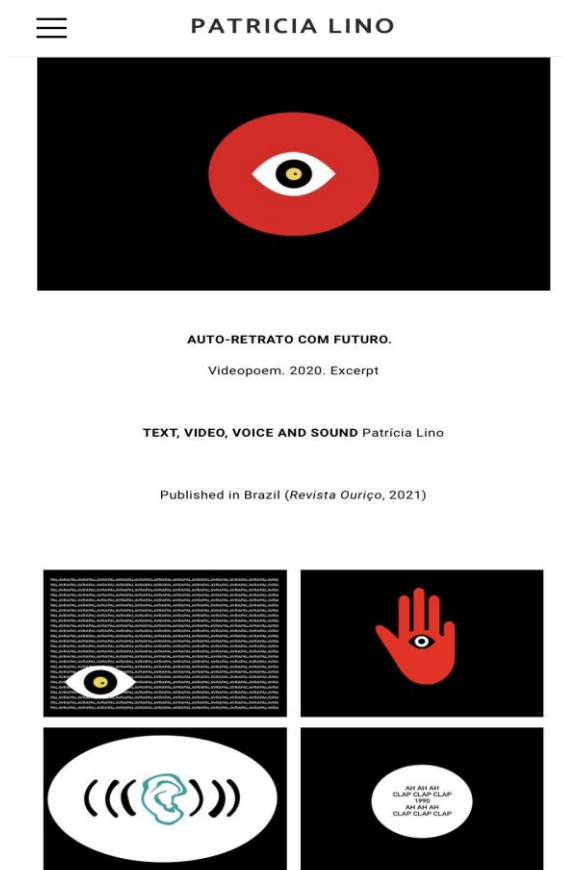
³Referimo-nos a perspectiva de Daniel Bell, a partir dos anos 1950. A esse respeito, ver *A condição pós-moderna* (2009), de Jean François Lyotard.

⁴(DIMITRI BR, 2020, *apud* LINO, 2020, p. 9)

⁵No site <http://www.patricialino.com/poetographica.html>, encontra-se sua bibliografia ativa e passiva. Destaque para a aba “poetographica”, que contém vários trabalhos transmediais em que as construções poéticas são sampleadas e remixadas. A percepção das mixagens poéticas – som, imagem, palavra – se concretiza transmedialmente em todo o vídeo.

remixando trechos sonoros de frases, versos e trechos de textos apropriados com *beats* e com imagens diversas. Tais práticas de remixagem e/ou de sampleamento, como também apontou Leonardo Villa-Forte (2019, p. 24), são técnicas desempenhadas de forma semelhante ao dispositivo *sampler* – um gravador que armazena qualquer espécie de sons e que permite reproduzi-los de formas variadas – retira fragmentos de fontes diversas, desloca-os e os reposiciona em novos contextos. Nessas transliterações, os vídeos-poemas ressaltam a sonoridade das palavras, que são vocalizadas em diferentes timbres, ritmos e escalas em gravações que misturam palavra, som e imagem. O vídeo-poema “Auto-retrato com futuro” (2020) representa bem esse *mash-up*:

Figura 1 – Página do *web site* patricialino.com/auto-retrato-com-futuro



Fonte: LINO, 2020.

Na transliteração da *mixed poetry*, notam-se letras e palavras de diferentes formas, tamanhos, fontes, escalas – mescladas a imagens, materiais, movimentos, sons e vocalizações da própria poeta que remixa a sua voz com outras vozes e outras sonoridades bilabiais, fricativas, oclusivas, sibilantes. Em “auto-retrato com futuro” – que tem a duração de 03’59” – ressaltam-se, no primeiro plano visual, os sons e as vozes que passam a ser mais importantes

que a matéria-palavra propriamente dita. Aos leitores-espectadores, é apresentado no início do vídeo-poema a reduplicação do verbete “palavra” *ad infinitum* juntamente a *samples* eletrônicos diversos que repetem incessantemente os sons vocálicos: pa-la-vra/ pa-la-vra/ pa-la-vra... Os sons dos *beats* se conectam aos sons das consoantes e das vogais, ao passo que vão se formando diferentes imagens interconectadas. Formas geométricas – círculos, losangos, retângulos e outras formas que lembram órgãos humanos, como o olho, por exemplo – são postas em movimento e se intercalam à voz da poeta ao fundo em *looping*, com dicções que se modificam e se intensificam ao passo que se interconectam a outras sonoridades. De forma semelhante, destacam-se outros poemas-performances que apostam na interdisciplinaridade e levam os leitores-internautas a analisarem visualmente tais poemas-visuais. A esse respeito, leia-se a sua criação intersemiótica “Visual poem is looking for literary critic to have a serious relationship”:

Figura 2 - poema-performance Visual poem is looking for literary critic to have a serious relationship



Universidad Javeriana. Colombia. 2018.

Fonte: LINO, 2018.

As misturas, como prefere a artista portuguesa multimodal, se apresentam como transliterações de poesia em montagens sonoras, musicais e em vídeos. Grande parte de suas transcrições investem em releituras de temas caros às ex-colônias portuguesas, principalmente no reconhecimento das identidades plurais e das diversidades que compõem o mundo lusófono decolonial. Nessas criações, evidencia-se a materialidade de palavras acopladas a dispositivos eletrônicos musicais e visuais que colocam em xeque a noção de originalidade e autoria na

poesia contemporânea. Contudo, a ênfase de suas intermedialidades reside no ato de criar novas construções repositivas por intermédio de vozes, textos, sons, imagens de lugares-comuns, corpos em movimento e danças aleatórias apropriadas de contextos variados para desconstruir e desestruturar noções totalizantes do passado histórico. Nas palavras da poeta,

ao longo dos últimos anos, e por achá-lo, além de fascinante, óbvio, arrisquei-me no exercício de juntar palavras, imagens, movimento e matéria para compor vários poemas ou objetos poéticos: curtas ou longas-metragens, vídeo-poemas, poemas tridimensionais e miniatura. [...] Foi em São Paulo, no final de 2017, depois de uma oficina de poesia brasileira e pintura na Universidade Federal de São Paulo, que um amigo repetiu as minhas palavras para dizer-me que não há razões para temer trabalhar com sons. De facto, não há. Comecei a fazer os primeiros beats no meu apartamento em Pinheiros e, para fazê-los, usei o meu próprio corpo, a voz, alguns copos e a mesa onde costumava a escrever. Comecei, ao mesmo tempo, a explorar e a aprender a usar vários programas de computador para fazer mais beats e melhorar a qualidade dos que tinha feito manualmente. Vídeo-poemas como “Copacabana” e “Manual do sobredotado” foram escritos durante este período (LINO, 2020, p. 16).

Em suas transliterações, notam-se recorrentes processos de leitura e de apropriação que colocam a contrapelo conhecimentos discursivos contrastantes ao rasurarem, por exemplo, ideias que estão arraigadas no imaginário dos portugueses desde as navegações do início do século XV: a desconstrução da “grandeza” de um império que nunca existiu. Profundamente irônicas e jocosas, as diversas propostas de colagens nas criações transmediais agem, principalmente, no desmonte de discursos de extrema direita ressurgidos nas duas primeiras décadas dos anos 2000. Em seu livro audiovisual *Anticorpo*⁶ (2019), Patrícia Lino se vale da paródia e de sobrecolagens de elementos imagéticos de diferentes grupos étnicos, com destaque às mulheres e aos grupos LGBTQIA+ em busca de seus direitos, que agem no desmonte das máquinas coloniais por meio de estratégias verbo-sonoro-visual patéticas e ridicularizadoras. Nesse contracanto, são reivindicados e recuperados corpos individuais desprezados que funcionam como antídotos que desafiam, como também apontou Isaac Giménez (2020), as noções pré-estabelecidas de gênero literário e de natureza material do livro em si mesmo.

Sua atenção crítica se concentra em negar a supremacia dos “heróis”, dando voz às diferentes identidades, gêneros, etnias e comunidades desprezadas pelos discursos até então arraigados. Essas reconstruções interdisciplinares revelam as banalidades do mal colonizador que é execrado por meio de repetições com desvio crítico presentes em “cantos paralelos”, típicos das construções paródicas dos vídeo-poemas e dos poemas-performances. Interessante ressaltar que a gênese de suas transcrições advêm, também, de suas pesquisas acadêmicas.

⁶Vídeo-poema que consiste em um longa-metragem de aproximadamente 50 minutos de duração. Divide-se em 10 partes/capítulos que desmontam os discursos cristalizados sobre o império português.

Além de poeta, Patrícia Lino é professora de literatura afro-luso-brasileira em Los Angeles, na University of California (UCLA) e atua como uma artista que interage constantemente com as tecnologias e plataformas digitais, com destaque para o *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, além do *site* www.patricialino.com, no qual se encontram diversos de seus trabalhos⁷.

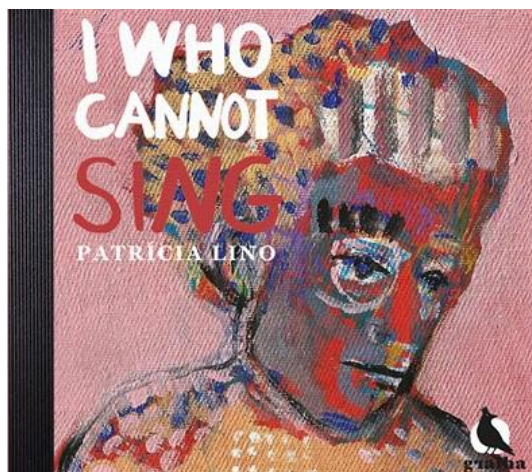
No *site* da Gralha edições, a poeta lançou virtualmente em 2020 seu livro-álbum-digital *I who cannot sing* [Eu que não posso cantar], bem como em formato físico. Nesse *site*, encontram-se as abas “prefácio”, “vídeos”, “álbum”, “poemas” e “comprar o livro”. Contudo, caso os leitores virtuais não queiram ter a experiência física do álbum-musical-poético, podem interagir com os conteúdos da página. Aliás, há outras transmedialidades que estão disponíveis apenas na página *I who cannot sing*, o que provoca diretamente o leitor internauta a experimentar novas experiências poético-sonoro-visuais. Os vídeo-poemas “To die is an art”, apropriado de Sylvia Plath e remixado por Patrícia Lino, bem como “I who cannot sing”, com o dançarino Hunter M. e também mixado pela poeta são exclusividades da página virtual.

Tal composição organizada e remixada por Patrícia Lino configura-se como uma obra luso-brasileira em que é possível ouvir as vozes de autores e autoras sampleadas, mixadas e repositivas pela artista portuguesa. A obra é composta por composições de Pedro Eiras (“Já nada é como soía”); Leticia Féres (“Conselhos de vovó”); Cláudia R. Sampaio (“Tragam-me um homem que levante”); Miguel Cardoso (“Manhã seguinte”); Ricardo Domeneck (“Quadrilha irritada”); Camila Assad (“O que é o nada antes da tempestade?”); Luca Argel (“Para você aprender a palavra nacre”); Vasco Gato (“Scalinatella”); Daniel Arelli (“Teatro”); Júlia de Carvalho Hansen (“Exílio”); Angélica Freitas (“Dentadura perfeita, ouve-me bem”); Guilherme Gontijo Flores (“Pra que lado”); Raquel Nobre Guerra (“KKA”); Marta Chaves (“Ao fim e ao cabo”) e a própria Patrícia Lino (“Diógenes from San Diego”).

Parafraseando a apresentação de *I who cannot sing* no *site* da Gralha Edições, trata-se de um álbum de mixes cujas faixas lemos como um alfabeto outro, pulsante, escrito não sobre a página, mas a atravessar o ar. Interessante ressaltar, também, a configuração do objeto-livro *I who cannot sing*, em que capa e contracapa imitam o formato de um *Compact Disc* (CD):

Figura 3 – Capa do livro-álbum *I who cannot sing*

⁷Além do já citado *poetographica*, o *site* também apresenta publicações, poemas, artigos, etc.



Fonte: LINO, 2020

Figura 4 – contracapa do livro-álbum *I who cannot sing*



Fonte: LINO, 2020.

Para além da versão impressa, há o formato digital no site *I who cannot sing* em que se encontram as mixes, incluindo um texto de apresentação da poeta que explica os motivos que a fizeram arriscar-se no cruzamento de palavras, versos com outras formas de expressão, sobretudo sonoras e visuais. Nesse livro-álbum, explica-nos a poeta, organizou-se um modo de reordenamento de várias vozes de poetas portugueses e brasileiros contemporâneos que as emprestaram à mixagem poético-musical de Lino. No texto “Eu que não sei cantar”, que vem inscrito no livro-álbum após um suposto “prefácio”, a poeta afirma que “*I who cannot sing* é um exercício de apropriação, colagem musical e pastiche sonoro⁸” e que, nessa coletânea de poemas mixados, a “articulação foi sempre pensada a partir dos poemas e das vozes dos(as) poetas que formam transfigurados”.

⁸(LINO, 2020, p. 18)

A primeira composição transmedial é nomeada como “Eu q não sei fazer prefácios”, do poeta e músico Dimitri BR. Nesse texto híbrido, Dimitri faz mixagens de elementos diversos em prol de um poema-prefácio-performático, também de caráter metapoético, nos quais são apresentados os processos de arranjos das colagens musicais e pastiches sonoros. Eis a composição *sui generis* em sua íntegra:

EU Q NÃO SEI ESCREVER PREFÁCIOS

1.
 não é de hoje q digo q minha banda favorita é o lucas matos
 lucas matos q é poeta e começa sua *traição da canção* afirmando:
não sei cantar
 para em seguida indagar – com sua voz grave, seu ritmo de corpo
inteiro:

quantas notas eu tenho q errar
para q a garota de ipanema vá parar no porto? ou na califórnia?

gesto semelhante faz patrícia lino, ao anunciar:
i who cannot sing – é esta quem aqui se põe a fazer canções
 ou *mixed poetry*, como ele prefere (*misturas*, se diria emportugal)
 transliterações da poesia em montagens sonoras
 em música

2.
 fazer o que não se sabe (não se deve, não se pode) é um gesto punk
 recusar o limite de fazer *do jeito certo*, fazer do limite dicção própria
 ou ainda, um gesto antropofágico – de crer na *contribuição milionária*
de todos os erros

lembramos ainda a proximidade de patrícia com a poesia concreta:
 nada mais concreto q restituir à palavra seu *corpo de som*

3.
toda arte aspira ser música
 quem disse isso foi o walter pater
 mas quem me disse isso foi o victor Heringer
 escritor que afirmava não ser poeta nem saber tocar instrumentos
 e q não obstante fazia poesia & música
 com timbres eletrônicos & vozes emprestadas
 assim como faz patrícia
 de fato, se há algo q logo nos salta aos ouvidos neste *i who cannot sing*
 é q, partindo da palavra-poesia escrita, a autodeclarada não-cantora
 faz música

4.
a canção está morta; há q se reinventar a canção
 por outro lado, há q se devolver a voz à poesia
 nos últimos anos, como patrícia, muitos artistas vêm empenhando seus
esforços nessa busca
 de encontrar novas formas de dar som à palavra

de percorrer o caminho da poesia de volta ao som (e ao corpo)

convocadas por patrícia, ouvimos aqui algumas dessas vozes:
angélica freitas, camila assad, cláudia r. sampaio, daniel arelli,
guilherme gontijo flores, júlia de carvalho hansen, letícia féres,
luca argel, marta chaves, miguel cardoso, pedro eiras,
raquel nobre guerra, ricardo domeneck, vasco gato
e ainda as de frank o'hara, paul éluard, sylvia plath,
vozes vivas de poetas mortos

5.
já nada é como soía, soa a voz de pedro eiras
entre (outros) sons mixados por patrícia
o dito veio a ser não dito / o fim do mundo caducou/ a lei da gramática
já não se aplica
escrevo estas notas à guisa de prefácio
durante nossa quarentena mundial, por ora sem vislumbre de fim
se havemos de inventar um mundo novo, como começar se não por
uma nova linguagem?

6.
*each interpretation follows a process that is in many ways similar to that
of translating the multiple and intricate meaning of a literary passage
from one language to another*

partindo das palavras e dicções de outros poetas,
os procedimentos de tradução engendrados por patrícia neste álbum
resultam em transcrições capazes de nos lembrar
q não há só o perdido, mas sempre o *found in translation*

ouvir *i who cannot sing* faz de nós o *diogenes from san diego*
no assombro de experimentar com a sua uma nova língua
e se ouvir dizer, com uma voz q é sua e dela:
pa-trí-ci-a pa-trí-ci-a pa-trí-ci-a

Dimitri BR

(DIMITRI BR, 2020 *apud* LINO *et al.*, 2020, pp. 9-13)

Divido em seis partes, o poema-prefácio-metapoético apresenta, por meio de imagens aparentemente desconexas, algumas das linhas de força da poética de Lino. Por se tratar de uma poeta cuja poesia está aberta à pluralidade de formas, línguas e identidades – sobretudo no entrelaçamento entre culturas dos países de língua portuguesa quanto de Língua inglesa devido à sua atuação como professora universitária de literatura, cinema e cultura afro-luso-brasileira na Universidade da Califórnia – Dimitri Br explicita como Lino concebe o livro-álbum-sonoro que parte das palavras e dicções de outros poetas por meio do “assombro de experimentar com sua uma nova língua”. “Já nada é como soía”, verso que faz referência ao poema de título homônimo de Pedro Eiras que, por sua vez, faz ecoar o famoso soneto de Sá de Miranda, bem como o poema “Diógenes from San Diego”, traz diversidades de apropriações de vozes, imagens, lugares e dicções:

Diógenes from San Diego

Que interessa se o menino não leu Rilke
 quem quer saber o que o menino viajou
 que importa se o menino não sabe chinês
 tanto me dá se o menino conhece os gregos
 com quem ou não se dá e quantos empregos
 ele tem ou não tem onde foi pai e é freguês
 se o menino não conhece a teoria das cordas
 & o poeta mais *recent*. *If he talks proper English*
if he doesn't se quer vir comigo à Amazónia
 tomar sol comer açaí esperar uma pororoca
 quantas mulheres viu como as beijava de boca
 o menino que idade tem quantos cursos tirou
 filosofia nenhum engenharia mecânica spb
 ninguém sabe o que é a literatura ó pai e o futuro
 ó mãe e a casa e os filhos a maçã no forno e oh
 o menino escreve crónicas poemas mesmo o quê
 se já leu os Goliardos se emprega bem *sine qua non*
sine qua non eu sem o menino e o menino sem mim
 se lê Dante em italiano que 3736 x 4328 é = a 16169408
 e o que é um ditirambo e que cores tem um chupim
Molothus bonariensis, brió, catre, corixo, chopim-gaudério
 vira-vira Adónis do novo mundo galã da novela das oito
 que me importa menino senão que és o outro hemisfério
 se dizes *holy!* se dizes *yes!* e como se perdido num silabário
 me chamas pelo nome: *pa-trí-ci-a pa-trí-ci-a pa-trí-ci-a*
 (LINO, 2020, p. 61-62)

O multilinguismo e o entrecruzamento de culturas de diferentes países marcam o carácter de um tipo de poesia globalizada, que é pensada para além das fronteiras, já que “*each interpretation follows a process that is in many ways similar to that/ of translating the multiple and intricate meaning of a literary passage/ from one language to another*”(LINO, 2020, p. 13). O estar no mundo, nesse tipo de poesia a qual Lino pertence, apresenta um sujeito lírico que está sempre em deslocamento – cultural, identitário, geográfico – e que vai de encontro aos outros, em diferentes perspectivas topográficas: “quantas notas eu tenho q errar/ para q a garota de ipanema vá parar no porto? ou na califórnia?” (LINO, 2020, p. 9). Da música às apropriações de referências de obras, como as de Walter Pater e Victor Heringer, o sujeito poético entende que a Patrícia Lino “partindo da palavra-poesia escrita, a autodeclarada não-cantora faz música” a partir do empréstimo verbo-vocal de Angélica Freitas, Luca Argel, Ricardo Domeneck, Marta Chaves, Vasco Gato, Raquel Nobre Guerra, dentre outras vozes da recente poesia brasileira e portuguesa, bem como de outras vozes da tradição, tais como as de Sylvia Plath, Paul Éluard e Frank O’Hara. As transliterações continuam em toda a proposta do álbum poético: as diversas faixas-poemas, que podem ser ouvidas e lidas simultaneamente pelos leitores, a partir das

próprias vozes dos poetas que são remixadas por meio de mídias digitais, especificamente pelos *beats* da música eletrônica.

A propósito das diversas misturas que o poema-prefácio promove, ao anunciar um dos possíveis papéis do poeta contemporâneo frente a caos pandêmico no qual foi pensando e produzido, “há q se reinventar a canção”, seja ela por outros meios, seja por vozes já existentes, seja por meio da infinita reciclagem e colagem. Experimentalismos de várias ordens – apropriações de versos e poetas que compõe o livro-álbum e de outros espaços textuais, registros de linguagens utilizadas em *whatsapp*, comentários metapoéticos, entrecruzamentos entre música e poesia – fazem com que o poema-prefácio seja, também, uma mixagem do próprio conteúdo de *I who cannot sing*. Em suma, Patrícia Lino, a poeta DJ, ao mixar sua escrita poética a outros dispositivos sonoro-visuais, escreve com a grafia que não é sua e ainda canta com vozes e coros arranjados sob sua regência.

Referências

ASSIS, L. Impressões num corpo que não sabe se sabe dançar: alguns passos a partir de *I who cannot sing*, de Patrícia Lino. **Revista Cult**, São Paulo, 2020, Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/passos-i-who-cannot-sing-patricia-lino>. Acesso em 02/fev/2022.

GIMÉNEZ, I. Anticorpo: a parody on the colonial ambition by Patrícia Lino. **Mester (UCLA)**, 49(1), vol. xlix, 215-222, 2020.

GOLDSMITH, K. Copiar é preciso, inventar não é preciso. **Revista Select**, São Paulo, p. 36-43, 2011.

_____. **Escritura no-creativa**: gestionando el lenguaje en la era digital. Traducción Alan Page. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2020.

HOESTEREY, I. **Pastiche**: cultural memory in art, film, literature. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

LINO, P. *et al.* **I who cannot sing**. Juiz de Fora: Gralha Edições, 2020.

LINO, P. **O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

LINO, P. **No es esto un libro/Não é isto um livro**. Traducción Jerónimo Pizarro. Puro Pássaro: Bogotá, 2020.

LINO, P. **Poetographica**. Disponível em: <http://www.patricialino.com/poetographica>. Acesso em 02/fev/2022.

MARQUES, D. Som sobre tom: cantata em capa dura para um livro-álbum e vinte e um modos de cantar. Disponível em: <https://www.iwhocannotsing.com/prefacio.html>. Acesso em 12/jan/2022.

PEDROSA, C. *et al.* **Indiccionario do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PEDROSA, C. Poesia, crítica, endereçamento. In: KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. **Expansões contemporâneas**: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 69-90.

PERLOFF, M. **Gênio não original**: poesia por outros meios no novo século. Tradução Adriano Scandolara. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VILLA-FORTE, L. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019.

MIXED POETRY: THE INTERMEDIATE TRANSLITERATIONS IN THE ALBUM *I WHO CANNOT SING*

Abstract

The new configurations of recent Portuguese poetry mainly that produced in the first decades of XXI century have expanded beyond restricted literary field. Inserted in the digital age some poets have articulated several forms of poetic transliterations through sonorous and musical mountings, as well as by video poems and performance poems. By the way, these practices of mixed poetry stand out Patrícia Lino's works, a young Portuguese poet who has created "book objects" that quarrel the limits of poetry nowadays when integrating into the technologies of era high tech. In the album *I who cannot sing* released in Brazil in 2020 by Galha Editions as in book as in audiovisual way in web site with the same title, note an exercise of transmedia poetic writing hypermediated by computer programs. With the appropriation of one or more beats and samples of electronic music, *I who cannot sing* shows the figure of the poet who "sings without knowing how to sin", nay of a DJ who makes remixes of words, sounds and voices. Ultimately, we can read evidences of those appropriations, musical collages and sonorous pastiches practices in the compositions "Eu q não sei escrever prefácios" and "Eu que não sei cantar".

KEY WORDS

Contemporary Portuguese Poetry. Patricia Lino. Appropriation. Intermediate Transliterations. Mixed Poetry.

Recebido em: 14/02/2022

Aprovado em: 28/06/2022